

Medicina narrativa – pensar a prática clínica noutra perspetiva

Narrative medicine – thinking clinical practice from another perspective

Francisco Sobral do Rosário

Serviço de Endocrinologia, Hospital da Luz Lisboa, Portugal.

Projeto de Humanidades Médicas, Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, Portugal.

Palavras-chave

Medicina Narrativa; educação médica; literatura.

Resumo

Medicina Narrativa é um termo utilizado para descrever uma prática médica em que competências narrativas, valorizadas e apreendidas ao longo da formação, permitem reconhecer e interpretar melhor a individualidade da pessoa, do processo da doença e sofrimento que a conduziram à

Medicina. O seu campo de ação encontra-se na relação entre a Medicina, a Narrativa, a Literatura e as Ciências Sociais. A sua inclusão no processo de formação médico, como já é corrente na América do Norte, permitirá um treino que poderá conduzir a uma melhor e mais completa interpretação da realidade clínica.

Keywords

Narrative medicine; medical education; literature.

Abstract

Narrative Medicine is a term used to describe a medical practice in which narrative skills, valued throughout the training, allow to better recognize the individuality of the person, the process of illness and suffering that led to Medicine. Its field of action is found in the relationship between

Medicine, Narrative, Literature and Social Sciences. Its inclusion in the medical training process, as is already common in North America, will allow a better and more complete interpretation of the clinical reality.

Medicina Narrativa é um termo utilizado por Rita Charon¹ para descrever uma prática médica em que competências narrativas, valorizadas e apreendidas ao longo da formação, permitem reconhecer e interpretar melhor a individualidade da pessoa, do processo da doença e sofrimento que a conduziram à Medicina.

A narrativa e a Medicina estão interligadas desde sempre, já que, como Hannah Arendt afirmou: “a principal característica da vida é que é repleta de eventos que são relatados como uma história”.^{2,3} Charon, médica internista e docente na Universidade de Columbia, defende que é precisamente a capacidade de ouvir e compreender estas narrativas que permitirá aos médicos, juntamente com o conhecimento científico que possuem, centrar a sua atenção no doente e em seu benefício. Ao

possuir múltiplas dimensões, a narrativa permite relatar situações, descrever pessoas, sugerir causas, representar a passagem do tempo, utilizar metáforas que expressam sentidos que de outra forma seriam difíceis de expressar.¹ A própria aplicação do método e das teorias narrativas na transcrição de histórias na clínica é relativamente recente, mas não esgota as suas potencialidades, um campo de ação que se expande e ramifica nas relações entre Medicina, Saúde, Narrativa, Ciências Sociais (permitindo uma melhor compreensão da forma como a saúde e a doença são entendidas pelas pessoas) e na relação entre Literatura e Medicina (representações de saúde e de doença na Medicina e na cultura).³

Esta visão já tem uma aplicação prática vasta no campo da Educação Médica, em especial na América do Norte, através da relação encontrada entre casos

clínicos, histórias de doentes e narrativas de doença. Neste contexto, a relação entre a Medicina e a Literatura ganhou um especial foco, quer no estudo de relatos ficcionais de doença quer na abordagem de narrativas de doença na vida real. A importância deste movimento é de tal ordem que em 1994 cerca de um terço das universidades norte-americanas incluíam nos seus quadros a valência de Literatura e Medicina. O âmbito destes estudos na formação médica compreende desde a leitura atenta de textos literários, o estudo da teoria e métodos narrativos, até à utilização da narrativa como parte de um método clínico. O estudo de textos literários permitirá um treino que conduzirá a uma melhor interpretação e noção de sentido mais completo da realidade.³⁻⁵ Em Portugal, pela mesma razão, já João Lobo Antunes referia que a obra de Tolstoi *A morte de Ivan Ilitch* deveria ser de leitura obrigatória para médicos em formação, na linha da recomendação de Osler, que propunha a leitura de uma dezena de obras literárias como complemento ao treino profissional.⁶

No seu ensaio *Sobre estar doente*, Virgínia Woolf questiona-se: “Considerando como a doença é comum, como é tremenda a mudança espiritual que traz [...] parece realmente estranho que a doença não tenha ocupado o seu lugar, com o amor, as batalhas e o ciúme, entre os temas principais da literatura.”⁷ De facto, são frequentes as descrições ou alusões que, das mais diferentes formas, da prosa à poesia, conduzem à nossa presença a vivência ou a possibilidade da doença e o contacto com a Medicina visto por uma perspetiva que não é a da prática profissional. Wislawa Szymborska, poetisa polaca, prémio Nobel da Literatura em 1996, cuja obra, repleta de humor, retira do quotidiano a matéria para uma reflexão mais alargada acerca da experiência de vida, descreve da seguinte forma a experiência da consulta médica no poema “Roupa”:

“Tiras, tiramos, tiram,
gabardinas, jaquetas, casacos, blusas,
de lã, algodão, de algodão e lã,
saias, calças, meias, roupa branca,
vestindo, pendurando, atirando para
costas de cadeiras, asas de biombos,
por agora, diz o médico, não é nada de sério,
vista-se, por favor, descanse, viaje,
tomar em caso de, antes de dormir, depois de comer,
voltar daqui a três meses, um ano, ano e meio;
vês, e tu que pensavas, e tínhamos medo,
e vocês supuseram, e ele que suspeitava;
é altura de atar, apertar, de mãos ainda trémulas,
atrilhos, éclairs, fivelas, colchetes,

cintos, botões, gravatas, colares,
e retirar das mangas, da mala, da algibeira,
enrugado, às bolas, às riscas, às flores, aos quadrados,
o lenço
que de repente continua a revelar-se útil.”⁸

A mesma autora afirma no seu poema “Possibilidades”:

“Prefiro falar de outras coisas com os médicos.”⁸

A possibilidade que os médicos têm de ler e refletir acerca da complexidade da matéria com que lidam diariamente através destes e de muitos outros textos poderá permitir, nas palavras de João Lobo Antunes, “entender a total dimensão do acto médico, mas também fruir o seu sabor mais fino, porque este é fonte de inspiração ética e consolo intelectual”.⁶

Referências

1. Charon R. Narrative Medicine. Honoring the Stories of Illness. New York: Oxford University Press; 2006.
2. Arendt H. The Human Condition. Chicago: University of Chicago Press; 1958. pp. 72.
3. Bates VL & Hurwitz B. The Roots and Ramifications of Narrative in Modern Medicine. In A. Whitehead & A. Woods (eds.), The Edinburgh Companion to the Critical Medical Humanities. Edinburg: Edinburg University Press, 2016. pp. 559-576.
4. Charon R, Hermann N, Devlin M. Close Reading and Creative Writing in Clinical Education: Teaching Attention, Representation, and Affiliation. Acad Med. 2016; Mar; 91 (3): 345-50. doi: 10.1097/ACM.0000000000000827.
5. Charon R. Narrative and Medicine. N Engl J Med 2004; 26; 350 (9): 862-4. doi: 10.1056/NEJMp038249.
6. Antunes, JL. Relendo a morte de Ivan Ilitch. In: Um modo de ser: ensaios. Lisboa: Editora Gradiva; 1997.
7. Woolf V. Sobre estar doente. In: Ensaios Escolhidos. Lisboa: Editora Relógio D'Água; 2014. p. 151.
8. Szymborska W. Paisagem com grão de areia. Lisboa: Editora Relógio D'Água; 1998. pp. 209 e 259.